



# ARTE E CULTURA NA MODERNIDADE - MUNDO

SOCIOLOGIA DA CULTURA E DA ARTE (ENSAIOS)

---

Maria Lúcia Bueno

# APRESENTAÇÃO

## DE SÃO PAULO PARA O MUNDO.

### QUANDO O TEMPO NÃO CONSOME O ESPAÇO

*Recordarei sempre, toda a vida, o grande conforto que senti ao ver diante de mim, naquela manhã, a sua figura que me era tão familiar, que conhecia desde a infância, ao cabo de tantas horas de solidão e de medo, horas durante as quais pensara nos meus, que estavam longe, no Norte, e que não sabia se tornaria alguma vez a ver; e recordarei sempre as suas costas curvadas enquanto recolhia, de uma divisão para a outra, as nossas roupas espalhadas, os sapatos das crianças, com os seus gestos de bondade humilde, compadecida e paciente. E tinha, quando saíamos daquela casa, o mesmo rosto que nessa ocasião em que fora a nossa casa buscar Turati, o rosto ofegante, assustado e feliz que era o seu quando se tratava de pôr alguém a salvo.*

Natália Ginzburg  
Léxico familiar

O melhor das nossas vidas surge geralmente de acasos felizes. Esta apresentação começa – por acaso – com um excerto de um livro de Natália Ginzburg que me foi ofertado por Maria Lúcia Bueno, no passado Dia de Reis, em janeiro de 2020. Nunca tinha tomado contacto com Natália Ginzburg e sua obra. Nessa altura, Maria Lúcia referiu-me que achou peculiarmente indicado para mim. Pouco acaso aí. Depois, veio a pandemia, o distanciamento social e o empurrão que o mundo levou para trabalhar e ser criativo à distância. Novas soluções para um mundo em mudança. O acaso está em ter passado esses primeiros tempos de março a ler Natália Ginzburg e parecer-me tão natural que assim fosse. Uma possibilidade. O cumprir de um desígnio. Sem adornos. Vidas, trocas, movimentos, viagens. Vidas e viagens com mais sentido porque agora estamos longe e queremos estar perto. Uma visita a Maria Lúcia Bueno que me lembrou todos os momentos cruciais que vivi – por acaso – com ela nos últimos dois anos.

Toda esta deriva alcançou um sentido súpero quando Maria Lúcia me convidou para fazer a apresentação da sua obra: *Arte e Cultura na Modernidade-Mundo. Sociologia da Cultura e da Arte (Ensaios)*. Esta obra é outrossim um projeto de viagem, de movimento, de mundo, de cosmopolitismo,

de rasgar de horizontes. À semelhança da obra de Natália Ginzburg, Maria Lúcia oferece-nos um trajeto - com paragens - pelas artes e cultura contemporâneas sempre a olhar para a modernidade-mundo<sup>1</sup>. Nesta obra, que reúne textos escritos pela autora ao longo da sua vida, permanece a marca indelével do seu olhar cosmopolita e mundializado; vanguardista e requintado; sagaz e heterodoxo; crítico e desassossegado em torno das artes plásticas, da moda, do vídeo, da gastronomia. Não sei porquê lembro-me sempre o *Livro do Desassossego* de Pessoa. Como consequência, somos transportados para experiências de investigação inovadoras – sempre acompanhadas por uma densa e sólida teoria -, ambiências de criatividade locais e translocais, narrativas que pulsam mais do que as grilhetas das estruturas bem ao modo de Maurice Merleau-Ponty<sup>2</sup>. Existe, aqui, um modo de fazer a sociologia das artes e da cultura pleno de originalidade onde o tempo global não consome nunca o espaço local: amplifica-o, moderniza-o – no sentido mais positivo desta palavra – e atualiza-o.

Através do olhar de Maria Lúcia Bueno sobre as artes, o nosso olhar vê um horizonte infinito de pensamentos, de sentimentos, de silêncios e de palavras<sup>3</sup>. Estes horizontes são pautados por cruzamentos, por proximidades e distanciamentos, no sentido em que nos últimos trinta anos, podemos referir que as artes, bem como a cultura, se têm assumido como um produto do mundo e para o mundo<sup>4</sup>. Estamos perante um processo de mundialização que atravessa continentes, significados e memórias à boa maneira eliasiana<sup>5</sup>. Vejamos o caso da *pop art* tão sabiamente recuperado nesta obra. Efetivamente, a *pop art* é revinda para o mundo exterior, no sentido em que atualiza os fenómenos sociais e as linguagens estigmatizadas, reabilitando-as, recuperando-as, *customizando-as*. Massificação vs. contra massificação<sup>6</sup>. De outra forma, também estas linguagens estigmatizadas – subordinadas ou secundárias - são salientes neste livro, uma vez que o Brasil possui um vasto *background* de cruzamentos com outras culturas e outras linguagens, como as indígenas e as negras, fazendo com que daí emergam diferentes práticas artísticas híbridas e diaspóricas de diálogo com o mundo<sup>7</sup>. Subjaz, nesta obra, um prenúncio em eco delas. Estas linguagens *subalternas* são uma forma de afirmação, mas também de entendimento, de reivindicação de um espaço e de um tempo. E é isto que a arte faz. Através das imagens e dos sons, do material e do simbólico, a arte cria narrativas e constrói paisagens ubíquas que demarcam um período temporal e uma viragem social. Também os ensaios que Maria Lúcia Bueno nos apresenta são brechas entre o real vivido e o real imaginado na senda de Walter Benjamin<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> BUENO, M. L. *Artes plásticas no século XX: modernidade e globalização*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/Imprensa Oficial/Fapesp, 2001.

<sup>2</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.

<sup>3</sup> BAKHME, M. *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 2001.

<sup>4</sup> ADORNO, T. W. *Sobre a indústria da cultura*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

<sup>5</sup> ELIAS, N. *Teoria simbólica*. Oeiras: Celta Editora, 1994

<sup>6</sup> ORTIZ, J. M. *Televisão, publicidade e cultura de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

<sup>7</sup> BUENO, M. L. *Do moderno ao contemporâneo: uma perspectiva sociológica da modernidade nas artes plásticas*. *Revista de Ciências Sociais (Universidade Federal do Ceará-UFC)*, v. 41, n. 1, p.27-47. 2010.

<sup>8</sup> BENJAMIN, W. *A modernidade*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

Neste horizonte, as modernidades dos olhares face às artes visuais podem emergir como o resultado de uma multiplicidade de processos de autonomização dos artistas face à arte, às instituições e ao mundo, mas também da autonomização do saber prático e criativo face ao saber acadêmico *featuring* Bourdieu<sup>9</sup>. Compreender a inserção da arte na modernidade-mundo, implica reconhecer que nem todos os aspetos da vida podem ser categorizados e fechados em caixas<sup>10</sup>. É exatamente nesta linha de pensamento que este livro nos vem abrir horizontes, pois vem-nos providenciar novos olhares de perspetivar as artes, os tempos e os espaços ao longo da temporalidade, no seu sentido lato. A ideia de modernidade-mundo para que nos encaminha este livro – bebida como voracidade em Renato Ortiz<sup>11</sup> –, é apontada como uma forma de unir todos os olhares sobre as artes, isto é, entre o próximo e o distante, entre o local e o global, entre o formal e o informal.

Desde os primórdios do tempo que a arte, bem como a produção de conteúdos artísticos nas suas mais diversas formas, é tida como um indicativo da presença humana no mundo. Marcas que demarcam. Trata-se de uma forma de apropriação dos diversos espaços sociais, culturais e urbanos da vida quotidiana e, mais do que uma apropriação, podemos mesmo afirmar que estes conteúdos artísticos se revestem de uma forte componente simbólica e intersubjetiva<sup>12</sup>. Aliás, já Platão procurou impor às artes uma expressão palpável, isto é, um reconhecimento das mesmas enquanto dimensão material e imaterial da cultura humana<sup>13</sup>, bem como Aristóteles procurou apresentar – como ato consumado – a universalidade e a dimensão simbólica profunda dos fenómenos e manifestações estéticas.

É muito interessante perceber que a autora teima em fazer notar que além dos nossos olhares, também o olhar do artista não é produzido unicamente por modelos estabelecidos, indo muito além daquilo que é visível ao olhar comum. Partindo deste pressuposto, Bourdieu<sup>14</sup> referia que a arte de execução é muito mais do que uma arte de criação, ou seja, fazer arte é muito mais do que criar arte e, claro está, compreender a arte dentro do contexto da modernidade-mundo<sup>15</sup> de Renato Ortiz é muito mais do que apenas vê-la. Aquilo que afirmamos é que cada vez mais se diluem as fronteiras entre arte e vida, no sentido em que uma não existe sem outra. É preciso viver para criar, tal como é necessário criar para (sobre)viver.

As proximidades de Maria Lúcia com Baudelaire<sup>16</sup> são surpreendentes. Tudo aquilo que vemos, usamos, ouvimos e tocamos é arte, visto que advém de um longo e complexo processo de inspirações, de modos de fazer e formas de viver. Baudelaire vê o artista moderno como um *flâneur*

<sup>9</sup> BOURDIEU, P. *As regras da arte*, Lisboa: Editorial Presença, 1996.

<sup>10</sup> SCHÜTZ, A. *Collected papers. IV*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.

<sup>11</sup> ORTIZ, R. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000, p.182-183.

<sup>12</sup> PAIS, J. M. *Sociologia da vida quotidiana*: teorias, métodos e estudos de caso. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

<sup>13</sup> DUARTE, Rodrigo A. P. Arte e modernidade. *Psicologia*: Ciência e Profissão, v. 14, n. 1-3, p.1-4, 1994.

<sup>14</sup> BORDIEU, P. *Meditações pascalianas*, Oeiras: Celta Editora, 1998.

<sup>15</sup> ORTIZ, R. *Mundialização e Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

<sup>16</sup> BAUDELAIRE, C. *O spleen de Paris*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1991.

que deambula pelas multidões apressadas, sendo aqui que os mundos se cruzam e convergem. Pensando na constante mudança do mundo da vida e do mundo da arte, refere – justamente – a necessidade de – por vezes – ser preciso morrer para se viver<sup>17</sup>. Então, para que a arte continue a emergir é preciso que outras artes morram para que estas possam ser reinventadas e, é também dentro deste processo de renascimento e de mudança que a memória dos atores sociais emerge enquanto meio de perpetuar os trânsitos culturais e artísticos de outrora, para, posteriormente, nos compreendermos na pluralidade dos *agoras* e dos *amanhãs*. E aí Maria Lúcia Bueno é insigne.

O que entende a autora por agora? E por amanhã? Mais, se pensarmos de forma fincada, verificamos que é praticamente impossível definir a arte e escrever sobre ela, sem, antes de mais, tocar numa série de outros elementos. Será que a arte, como a conhecíamos no século passado, terá um fim? Quais serão as novas artes? Na verdade, Simmel<sup>18</sup> refere que as mudanças na moda não são aleatórias, tal como não o são no campo artístico. Estas resultam de um conjunto de avanços e de recuos que são feitos entre as sociedades e os atores sociais que, essencialmente, pautam os ritmos da vida moderna e as expressões que dele resultam<sup>19</sup>. Deste modo, a arte torna-se desterritorializada, possui a capacidade de diluir fronteiras, é híbrida e moldável, basta termos como exemplo o *rock'n'roll* que atravessou gerações, reinventando-se e dando resposta à evolução do mundo e da indústria<sup>20</sup>. Por certo que este livro, tal como o *rock'n'roll*, as danças de salão ou o *jazz* que atravessaram gerações, mundos e visões, também irá atravessar gerações e irá servir de base para, no *amanhã*, compreendermos o papel da arte na modernidade-mundo sempre instável, transitória, vertiginosa e volátil. Tudo feito de acasos não acasos para um conhecimento sociológico sensível sobre as artes e a cultura numa modernidade-mundo-mudança.

Paula Guerra

*Porto, Portugal, Outubro de 2020*

<sup>17</sup> MELO, A. *Globalização cultural*. Lisboa: Quimera, 2002.

<sup>18</sup> SIMMEL, G. *El individuo y la libertad: Ensayos de critica de la cultura*. Barcelona: Editorial Península, 2001.

<sup>19</sup> BUENO, M. L.; CAMARGO, L. O. (eds.), *Cultura e consumo: Estilos de vida na contemporaneidade*. São Paulo: Senac, 2008.

<sup>20</sup> GUERRA, P. E nada mais foi como dantes: fragmentos contraculturais e seus estilhaços no pós-abril de 1974 em Portugal. *Teoria e Cultura*, v. 13, n. 1, p. 195-213, 1998.